

Anexos

Anexo 1

Curiosidades sobre o filme *Concerto Campestre*

- Rodado no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 2002.
- Para compor os cenários do filme, foram confeccionados móveis na Oficina de Arte, que também restaurou parte do mobiliário cedido pela comunidade pelotense. Com o apoio das famílias detentoras de acervos, dos antiquários locais e de instituições, foi possível a decoração dos ambientes.
- Quando necessário, os cenários e objetos foram minuciosamente desgastados para demonstrar o uso constante. Um exemplo foi a Charqueada, que recebeu resíduos bovinos, sangue e outros pigmentos.
- O figurino do filme exigiu intensa pesquisa e leitura, especialmente sobre a história do Rio Grande do Sul, com auxílio do livro "*O Gaúcho*", de Edson Acri, que esclarece detalhes importantes sobre o vestuário típico: florões, esporas, chapéu de pança de burro, botas de garrão e xiripá.

Anexo 2

Excerto do Roteiro Literário do *Concerto Campestre*

Tabajara Ruas,
José Manuel Fernandez,
Pedro Zimmermann,
Henrique de Freitas Lima

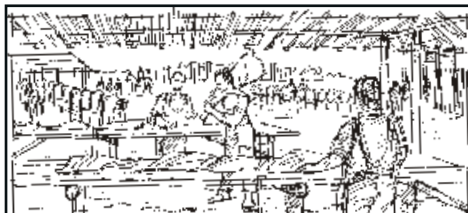
ESTÂNCIA DO MAJOR - CHARQUEADA - EXT. DIA

Bandeira do Império entra em fade. Enquanto aparecem os CRÉDITOS INICIAIS, diversos planos mostram o funcionamento pleno de uma charqueada. O gado é laçado pelos peões na mangueira, arrastado até as grandes forquilhas que imobilizam o animal e sangrado por um grupo de peões. O guindaste tosco que o retira da mangueira para serem extraídos os órgãos internos. A mesa de pedra da desossa. Os escravos que carregam a carne até o galpão de salga. A movimentação geral de homens à cavalo, carretas puxadas por juntas de bois e a pipa d'água que se desloca tirada por uma égua. A atividade incessante no galpão de salga, onde a carne é transformada em tiras que vão virar charque. A movimentação dos carrinhos de mão que levam o sebo para a graxeira. Os escravos que estendem o charque nos varais. Os negros que esticam os couros ao sol. Recebendo o sangue que chega por canais desde a mangueira, um tanque de decantação rubro e pestilento simboliza a barbárie do empreendimento. No meio de toda esta movimentação, confundindo-se com ela, o Major Eleutério Fontes, o dono da charqueada, caminha com o Vigário saindo do trapiche onde uma escuna carrega couros e charque a serem enviados para longínquas paragens. Um grande plano geral da impressionante mistura de escravos, peões, feitores, capatazes, à cavalo ou circulando a pé, entre carne, ossos e muito sangue, mostra a carruagem do Major saindo da charqueada conduzindo a ele e ao Vigário em animada conversa.

Anexo 3

O *Story board* de *Concerto Campestre*:

O trabalho gráfico do arquiteto e ilustrador pelotense, Pedro Luiz Marasco, com quase 900 desenhos, foi produzido de acordo com o projeto da longa-metragem.



Anexo 4

Excerto da obra *Concerto Campestre* (descrição da Charqueada)

BRASIL, Luiz Antonio de. *Concerto Campestre*. Porto Alegre: L&PM, 1997, p.09 e 10.

...“durante a revolução dos farroupilhas ampliou os haveres vendendo para ambos os lados em luta; ao término do conflito, quis voltar à antiga ocupação, mas com o fechamento das fronteiras, recolheu-se amuado à estância, e, para distrair-se, reformou-a até o ponto de aborrecer-se, dedicou-se ao aumento do gado, à implantação da charqueada, e, enfim, por que começava a envelhecer, à amizade dos padres: recompôs a capela da estância, uma construção pesada, ao lado direito da casa e que por milagre ainda resistia ao vento Minuano: pos lages de grés no piso, reergueu a pequena torre e trocou o sino rachado por um outro, de bronze lustroso. O Vigário da Vila de São Vicente, situada à légua e meia, passou a visitá-lo em sábados incertos, para regularizar a situação matrimonial dos escravos e peões, batizar pagãos e consolar viúvas. Ficava de pouso, e no dia seguinte, após a missa na capela, ia com o major até a charqueada à beira do rio, entregue a administração de Eugênio, o filho mais velho da casa. Os vizinhos estranhavam aquela indústria incomum, mas própria de Pelotas, e o Vigário queria ir até lá dizendo que gostava de avaliar as “possibilidades econômicas do estabelecimento”, mas, na verdade, parava-se muito sonhador a ver o sangue dos bois navegando sobre águas do Santa Maria, depois de escoar-se pela calha enorme do tanque de alvenaria construído a céu aberto: era material aproveitado para a farinha de sangue, a grande novidade da época. - “Bárbaro...” - dizia Antônio Eleutério. Mas ia até o tanque, para ver o grosso líquido onde agonizavam moscas. - “Bárbaro, isso tudo”. “Sem falar na chuva de sangue...” E calavam-se, lembrados daquele inesquecível pé de vento, que num dia de tempestade, erguera alto daquele sangue, retivera-o girando no ar num desespero de fim do mundo e largando-se depois sobre a casa da estância. As telhas ainda ostentavam manchas tétricas...

Excertos do livro Viagem ao Rio Grande do Sul de Saint-Hilaire

Augusto de Saint - Hilaire foi um botânico francês que visitou as terras do Brasil Meridional, buscando desvendar aos olhos da Europa a escologia dessa parte do mundo.

O resultado que obtive não se limitou, porém, à coleta, classificação e preservação do material encontrado. À medida que o examinava, Saint Hilaire redigia comunicações relatos que revelaram muitos costumes, hábitos, formas de trabalho, valores do Brasil Meridional (hoje RS) por volta de 1820.

BOA VISTA, 18 de junho. A fazenda Boa Vista tem 28 léguas portuguesas de superfície e está completamente coberta de excelentes pastagens. Garantem que trinta mil rezes podem pastar à vontade nessa área; mas atualmente só há seis mil, porque a fazenda foi administrada por um homem que só cuidava de seus interesses, reduzindo muitíssimo o gado. O número de cavalos necessários dos habitualmente a serviço da fazenda se eleva a quinhentos; mas acham que tal quantidade mal dá para isso. Nas estâncias da região, onde o gado é a única renda, não há necessidade de numerosos escravos, como nos engenhos de açúcar ou na exploração das minas. Também aqui não há mais de oitenta crioulos, incluindo nesse número os que trabalham na construção do curtume, e que serão, em seguida, aí aproveitados. Quase todos os escravos do barão pertencem à tribo minas, bem superior às outras, por sua inteligência, fidelidade e amor ao trabalho. As habitações da estância estão situadas numa pequena coxilha, que domina extensa planície. A casa do proprietário se compõe de algumas peças, mas estão mobiliadas com gosto.

Ocupam-se, no momento, na construção do curtume que será erguido ao pé da coxilha para receber água em abundância. A parte já começada ostenta um ar de grandeza, anunciando a importância que vai ter o estabelecimento. O tanque se acha sob um teto cujo vigamento, muito belo, é sustentado por colunas de madeira; mede duzentos e cinquenta pés de comprimento por cento e cinquenta de largura. O Sr. Gavet está muito contente com as experiências já feitas. Para curtir os couros, emprega casca de mangue, importada dos arredores de Santos; assegurou-me que essa casa contém a sexta parte de tanino e que, com seu emprego, bastam menos de quinze dias a fim de preparar os couros.

Em nenhuma outra parte do Brasil seria tão acertada a instalação de um curtume, devido à abundância de couros e de preços baratos. Assim, um couro de boi custa apenas 3 patacas (10) e o de vaca, 2 patacas. Consideram humilhante usar égua como montaria, e, sendo esses animais encontrados facilmente, não se vendem por mais de uma pataca ou pataca e meia. O barão as compra em toda a vizinhança, unicamente para matá-las; manda curtir-lhes o couro, fabricando sabão com o sebo.

Desde que me encontro nesta Capitania, já tive oportunidade de presenciar os hábitos carnívoros de seus habitantes; em redor das estâncias encontram-se espalhados muitos ossos de animais; e, logo que se entra nessas fazendas, sente-se logo cheiro de carne e sebo.

Em toda parte onde parávamos pelo caminho, meu guia perguntava se lhe podiam vender uma manta. Ela é um pedaço comprido de carne seca; e sempre lhe era oferecida. Ele e meus companheiros dividiam pedaços de pau para fazer espetos; cortavam nacos de manta, colocados alguns instantes ao fogo e logo os devoravam.

A região, que venho descrevendo, e que se estende entre o Rio Pelotas, o Rio São Gonçalo e a Paróquia de São Francisco de Paula, pertence a charqueadores, e as casas das quais já falei são as suas habitações. Não podiam escolher local mais favorável, pois aí recebem, sem nenhuma dificuldade, os animais criados nas gordas pastagens situadas ao sul de Jacuí e, em seguida, embarcam a carne seca e os couros através dos rios Pelotas e São Gonçalo. Há entre eles, homens riquíssimos. O Sr. Chaves, por exemplo, que iniciou como simples caixeiro, possui, hoje, uma fortuna de seiscentos mil francos. O estabelecimento dos charqueadores às margens do Rio São Gonçalo deu lugar à formação da Paróquia de São Francisco. RIO PELOTAS, 11 de setembro. O tempo está hoje horrível, não pude sequer sair, e o vento ainda me impede de partir. A mesa de meu hospedeiro é farta; principalmente a carne de vaca aí se apresenta sob as mais variadas formas; entretanto comemos pão e bebemos vinho. Nas charqueadas os negros são tratados com muito rigor. O Sr. Chaves é considerado como um dos charqueadores mais humanos, no entanto ele e sua mulher só falam a seus escravos com extrema severidade, e estes parecem tremer diante seus patrões. Há sempre na sala um negrinho de dez a doze anos, que permanece de pé, pronto a ir chamar os outros escravos, a oferecer um copo de água e a prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz do que esta criança. Não se assenta, nunca sorri, jamais se diverte, passa a vida tristemente apoiado à parede e é, freqüentemente, martirizado pelos filhos do patrão. Quando anoitece, o sono o domina, e quando não há ninguém na sala, põe-se de

joelhos para poder dormir; não é esta a única casa onde há este desumano hábito de ter sempre um negrinho perto si para dele utilizar-se, quando necessário.

Já tenho declarado que nesta Capitania os negros são tratados com brandura e que os brancos com eles se familiarizam mais do que noutros lugares. Isto é verdadeiro para os escravos das estâncias, que são poucos, mas não o é para os das charqueadas que, sendo em grande número e cheios de vícios trazidos da capital, devem ser tratados com mais rigor.

RIO GRANDE, 14 de setembro. São Francisco de Paula é, sem favor, a aldeia do Rio Grande em que há maior número de charqueadas. Existem, atualmente, dezoito nesta paróquia, e a média de animais abatidos por ano é de, aproximadamente, cento e vinte mil. A Paróquia de São Francisco é limitada ao norte pelo rio Camaquã; ao sul pelo Arroio das Pedras e Rio Piratinim; a leste pela Lagoa dos Patos e Rio São Gonçalo; a oeste pela Serra dos Tapes.

Embora há vários meses não se abatem animais nas charqueadas, sente-se ainda, nos arredores, um cheiro bastante forte de matadouro e, por isso, pode-se fazer idéia do quanto deve ser desagradável esse odor nos tempos de matança. Nessa época, dizem que não se pode aproximar das charqueadas sem ficar logo coberto de moscas. Quando imagino essa porção de animais degolados, jorrando sangue, ossos amontoados, a prodigiosa quantidade de carne expostas nos secadouros, parece-me que esses lugares devem inspirar náuseas e horror.

SAINT HILAIRE, Augusto de. Viagem ao Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

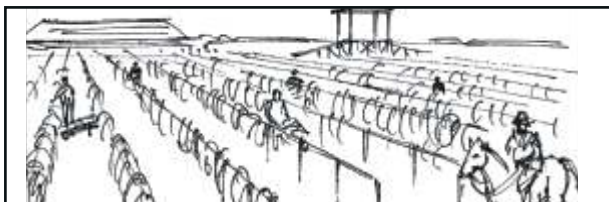


Foto da Filmagem de Concerto Campestre

Anexo 5



Gravura de Jean Baptiste Debret: Engenho de carne seca brasileira



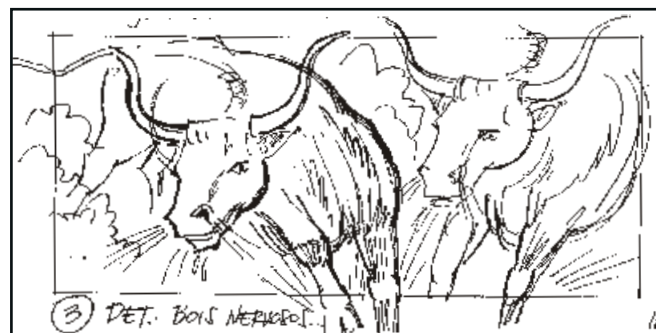
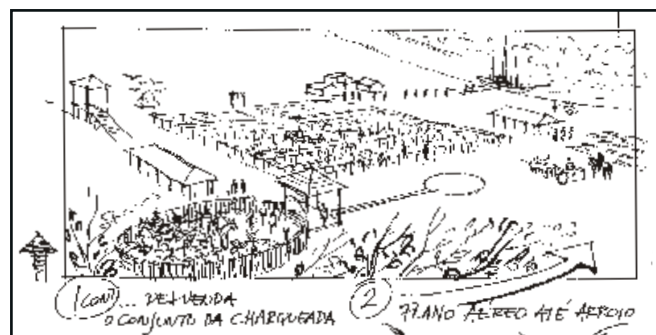
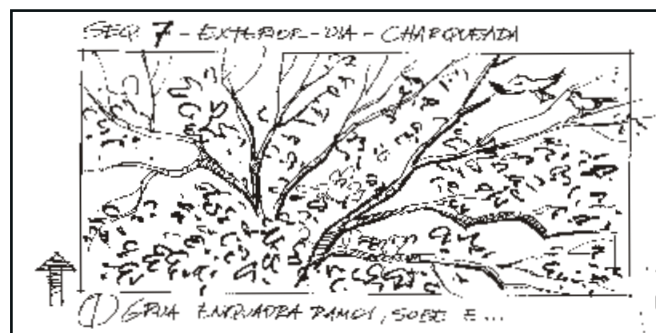
Story board do filme *Concerto Campestre*



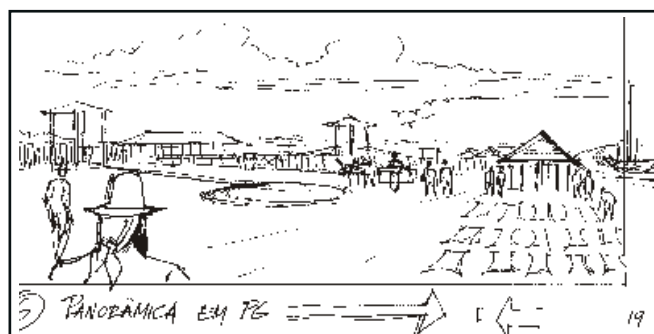
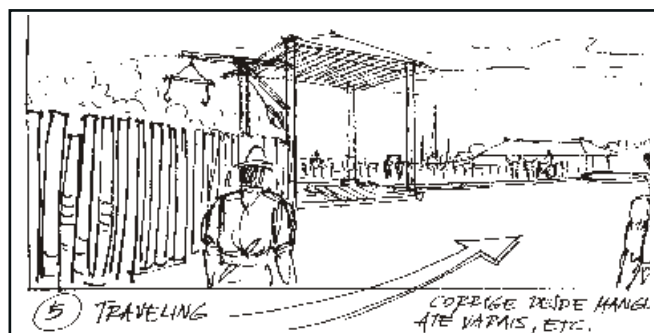
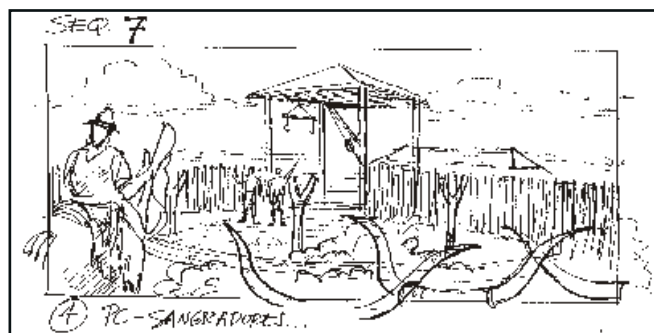
Cena do filme *Concerto Campestre*

Anexo 6

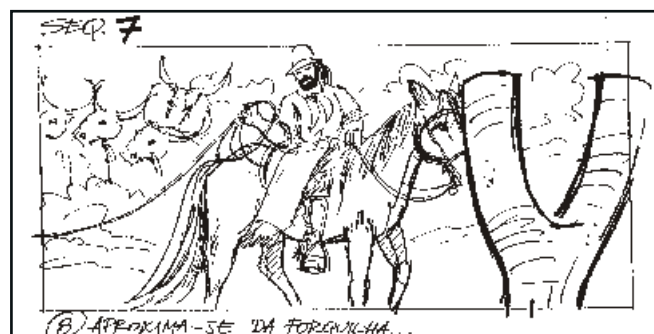
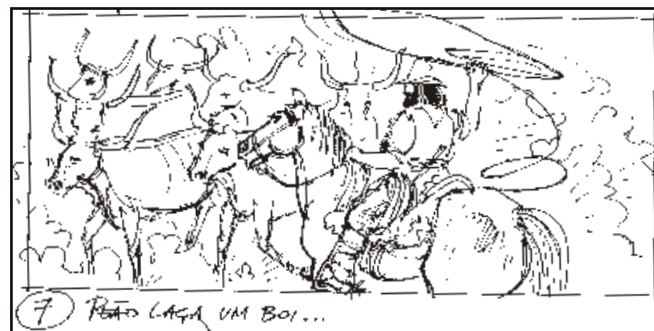
Sequência 7 do Story board do filme *Concerto Campestre*



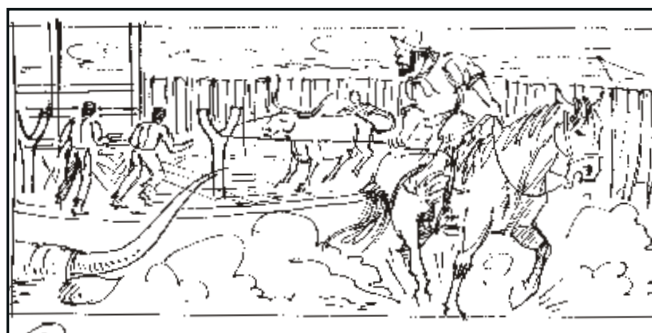
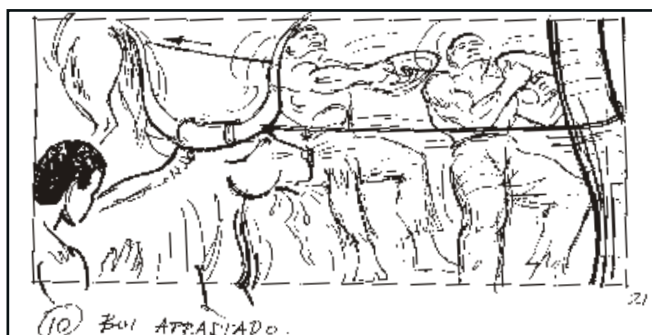
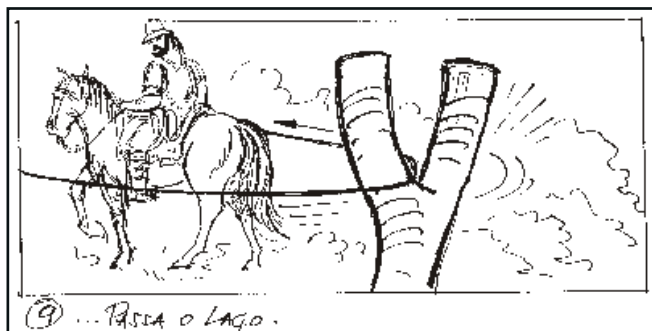
Sequência 7 do Story board do filme *Concerto Campestre*



Sequência 7 do Story board do filme *Concerto Campestre*



Sequência 7 do Story board do filme *Concerto Campestre*





Henrique de Freitas Lima

Story board: Pedro Marasco

Fotos: Paulo Rossi e Silvio Ávila

Gravura: Engenho de carne seca brasileira - 1829

Aquarela de Jean-Baptiste Debret

Design: Empório Design

Revisão: Ana Mariza Ribeiro Filipouski

Organização da Revista: Carmem Zeli de Vargas Gil

Cinematográfica Pampeana

Diretor: Henrique de Freitas Lima

Faculdade Cenecista de Osório/FACOS

Diretor: Adelar Hengemühle

Cinematográfica Pampeana

